



---

### IMAGENS DO AMOR ROMÂNTICO NO CINEMA HOLLYWOODIANO

Jainara Gomes de OLIVEIRA<sup>1</sup>  
Tarsila Chiara SANTANA<sup>2</sup>

**Resenha do livro:** ROSSI, Túlio Cunha. *Uma sociologia do amor romântico no cinema: Hollywood, anos 1990 e 2000*. São Paulo: Alameda, 2014. 374 p.

Escrito originalmente como uma tese de doutorado em Sociologia, defendida em março de 2013, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP, Brasil, este livro do sociólogo Túlio Cunha Rossi, professor do Departamento de Sociologia e Antropologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – DESOC/CCH/UFMA, analisa a produção dos discursos e das imagens do amor romântico construídos em filmes do cinema hollywoodiano, anos 1990 e 2000. Foi publicado em São Paulo, na primavera de 2014, pela editora Alameda, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, e se caracteriza como um relevante marco teórico e metodológico para a sociologia das emoções e do cinema.

O livro está dividido em seis capítulos, além de uma introdução, uma conclusão e de um prefácio, este último, por sua vez, escrito por seu orientador de doutorado, o sociólogo Paulo Menezes, professor do Departamento de Sociologia da FFLCH/USP. No prefácio que abre este livro, já de entrada, com uma escrita precisa e clara e, ao mesmo tempo, com sólida fundamentação teórica, Menezes sublinha a particularidade deste livro, qual seja: o livro de Rossi apresenta uma análise oportuna, na área da sociologia brasileira, por investigar o sentimento amoroso através do cinema e, mais precisamente, a partir dos filmes classificados como “comédias românticas”. Esta relação entre amor e cinema, na análise de Menezes, continua sendo um tema

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina [PPGAS/UFSC] e bolsista do CNPq. E-mail: [gomes.jainara@gmail.com](mailto:gomes.jainara@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte [PPGAS/UFRN] e bolsista do CAPES. E-mail: [tarsila.chiara@gmail.com](mailto:tarsila.chiara@gmail.com)

pouco explorado pela sociologia e, em particular, pela sociologia brasileira, o que, por conseguinte, também confere singularidade à análise sociológica desenvolvida por Rossi.

No primeiro capítulo, “Construindo o amor romântico enquanto discurso”, o autor aborda os significados sociológicos do amor, para, assim, situar esse sentimento enquanto ideal que orienta condutas morais em relação à performatização da vida íntima. No segundo capítulo, “O amor como conto de fadas hollywoodiano”, o autor analisa a experiência da individualidade e das condutas morais que caracterizam a conquista amorosa protagonizada pelas personagens do filme “Uma linda mulher”. No terceiro capítulo, “O cinema como referência em questões do amor”, o autor analisa as incertezas e as contingências que marcam a experiência do amor entre as personagens do filme “Sintonia de Amor”. No quarto capítulo, “Amor contingente no espetáculo visual da tragédia”, o autor discute a junção entre tragédia e história de amor, de maneira a destacar a imprevisibilidade que perpassa a projeção da vida afetiva na experiência amorosa dos personagens do filme “Titanic”. No quinto capítulo, “Olhando o amor mais perto”, o autor aborda os ideais de amor vivenciado no filme “Closer: perto demais”, enquanto formas de olhar o mundo, os quais ajudam a problematizar o relacionamento amoroso, sem, contudo, restringi-lo ao plano do subjetivo e do imaginário. Por fim, no sexto capítulo, “A descoberta de si como protagonista”, o autor discute como a linguagem cinematográfica é marcada pelo “sonho hollywoodiano” apresentado no filme “O Amor Não Tira Férias”, nesse sentido há uma forte valorização entre as personagens da individualidade enquanto elemento fundamental e legitimador da vida íntima. Como se vê, nos seis capítulos que estruturam este livro, as imagens do amor romântico atravessam todos os filmes analisados pelo autor.

Na análise destes filmes, nesse sentido, a partir de uma perspectiva sociológica de orientação weberiana, particularmente sob a ótica da sociologia das emoções e da sociologia do cinema, Rossi (p. 15) organiza seu esquema metodológico da seguinte forma:

Primeiramente, foi realizada uma extensa pesquisa bibliográfica a respeito da constituição de concepções de amor na modernidade, no que se percebeu uma particular relevância do amor romântico com modelo de referência ideal para a vida afetiva. A partir disso, estabeleceu-se como objeto de análise e discussão o conjunto de prescrições, modelos e ideais de amor difundidos e reproduzidos na contemporaneidade, enquanto construção social e histórica em constante transformação, conforme os contextos de sua manifestação. Uma vez desenvolvido esse objeto e situando-o num contexto recente marcado pela ampla presença de mídias de comunicação de massa, elegeu-se o cinema como mídia a partir da qual os discursos e modelos de amor contemporâneos são analisados e discutidos.

A partir do esquema metodológico descrito acima, portanto, Rossi procura esmiuçar as construções do amor romântico nas produções cinematográficas, particularmente as de origem estadunidenses. O autor discute e problematiza, em profundidade, o caráter de universidade que estas produções possuem, enquanto edificações culturais e históricas de imagens amorosas, uma vez que alcançaram um público significativo, seja se referindo a outras obras, seja constituindo novas referências.

Em sua análise sobre os modos de produção e construção nas narrativas do cinema hollywoodiano, dos modelos ideias que conformam a experiência do amor romântico, Rossi procura desnaturalizar a experiência amorosa. Com isto, o autor procura, ao mesmo tempo, decompor a vivência do amor nos filmes do cinema hollywoodiano. Os filmes selecionados, nesse sentido, têm em comum o fato de apresentarem a constituição de relações amorosas como narrativa central. Isto posto, Rossi também atenta para os gêneros cinematográficos que caracterizam os filmes selecionados, os quais eram considerados, pelo senso comum, pela crítica e por sites especializados como “comédias românticas”.

No entanto, como ressalta Rossi, o fato de reconhecer estas classificações de gênero, que constituem os parâmetros para a indústria cinematográfica, não significa corroborar a categorização acionada por críticos e produtores, mas, sim, perceber sua relevância sociológica para a distribuição e direcionamento de produtos para seduzir espectadores específicos, assim como para servir de orientação à imprensa especializada em cinema. O autor sublinha, nesse sentido, que não se trata de uma classificação rígida, sendo assim as classificações em gêneros são construções estratégicas e só possuem relevância se forem validadas, em suas diversas modalidades, tanto pela crítica quanto pelo público espectador. Assim sendo, ao discutir a produção do cinema industrial, Rossi (p. 16) coloca que:

Além de reforçar o caráter industrial das produções hollywoodianas, determinando diretrizes gerais para cada produto, a existência e o reconhecimento de gêneros contribuem fortemente para o estabelecimento de expectativas mais ou menos específicas por parte do público, sendo mais um elemento que orienta o olhar espectador ao ver o filme.

Nesse sentido, quando Rossi se refere aos filmes selecionados, desta amostra em particular, como “comédias românticas”, o mesmo tem por finalidade entender como tais filmes, uma vez lançados para atrair espectadores específicos, são recebidos no mercado cinematográfico. Ao mesmo tempo, o autor também procura perceber as especificidades que caracterizam essa

classificação em gênero tanto entre o público quanto entre os distribuidores e os críticos. Tendo isso em vista, Rossi (p. 17) ressalta que:

[...] entende-se nesta pesquisa que a comédia romântica se caracteriza pela presença de dois protagonistas – na maioria dos casos um homem e uma mulher – que se encontram por alguma obra do acaso e, de início, consideram-se muito diferentes e às vezes até se repelem. Ao longo da narrativa, porém, entre várias situações mais ou menos cômicas, descobrem um no outro uma crescente e inesperada admiração que se revela em óbvia e irresistível atração, às vezes rechaçada, às vezes assumida. As situações ao longo desses filmes tendem a conduzir à consciência de que, a despeito das diferenças – sejam elas sociais, morais, ou de personalidade -, os dois personagens foram feitos um para o outro e, ao final, devem superar ou enfrentar algum último empecilho contra sua união para enfim serem recompensados pelo *happy end*. (grifos do autor).

Sob a ótica da sociologia do cinema de Pierre Sorlin, o autor não buscou apenas selecionar os filmes classificados como “comédia romântica”, mas também procurou organizar, em um período específico, filmes que tenham alcançado uma grande audiência ou que tenham estimulado discussões importantes. Com base nesses critérios, para compor a amostra, foram selecionadas cinco produções, anteriormente referidas, do período entre 1990 e 2000. O autor constata, nesse sentido, que os filmes classificados como “comédias românticas”, no cinema hollywoodiano, são produções de menor custo financeiro e de fácil retorno, como demonstram as cifras de bilheteria. Além disso, o fato de serem filmes conhecidos pelo grande público, como ressalta o autor, é importante para contextualizar o filme enquanto memória e valor simbólico.

O filme, deste ponto de vista, constitui uma realidade sempre em construção. De modo que, enquanto construção social, moral e estética, este apresenta uma multiplicidade de olhares e revela as diversas experiências que organizam esses olhares singulares. Nessa direção, o mesmo possui o papel de qualificar o entendimento cultural do sentimento amoroso, e, neste livro em particular, as imagens do amor romântico no cinema hollywoodiano.

Nesse sentido, sob a ótica da sociologia das emoções, Rossi problematiza a construção social do amor romântico enquanto discurso. Constata, deste modo, que os sentidos culturais atribuídos ao amor, no Ocidente, esbarram em uma variedade de definições conceituais, as quais apontam para os limites que delineiam a universalidade do amor. O autor, ao contrário das perspectivas universalistas, procura mostrar as formas específicas que o amor assume, em um contexto cultural particular. Nessa direção, Rossi realizou sólidos diálogos teóricos com os sistemas de pensamento de Norbert Elias, Francesco Alberoni, Stendhal, Georg Simmel, entre

outros, para, assim, abordar sociologicamente o amor como um elemento fundamental de constituição do simbólico das sociedades. E assim chega à seguinte conclusão:

Não é o amor, [...], uma entidade enigmática que orienta a vida afetiva, mas o próprio ato consciente de orientar a vida afetiva e sexual de uma maneira específica, culturalmente ancorada na imaginação. O amor não está nem nos gestos, nem nas imagens, palavras ou sensações, mas no ato de significá-lo de forma diferenciada, ao mesmo tempo individualizada, a partir de códigos, símbolos e prescrições que são culturalmente reproduzidos, reconhecidos e valorizados (p. 358).

Nesta obra resenhada, portanto, o autor coloca a construção discursiva do amor romântico como um lugar central no quadro teórico e metodológico por ele edificado. Nesta obra pioneira e atual, o autor elabora uma análise extensa e profunda sobre a linguagem cinematográfica do cinema hollywoodiano. O que faz da referida obra uma leitura oportuna para todos os pesquisadores que se interessam pela problemática teórica e metodológica do entendimento da relação entre “amor romântico” e cinema.

*Recebido em: 30 de set. 2016.*

*Aceito em: 02 de dez. 2016.*